

Enraizados e edificamos em Cristo...



... firmes na fé.

(Col 2,7 Lema das Jornadas Mundiais da Juventude 2011)

"Eu faço novas todas as coisas" Ap 21,15

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Filipa Baptista
Francisco Valles
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Monica Maruny
Paulo Vieira
Pilar Alonso (MVD)
Sofia Palminha
Padre Valter Malaquias
Ventura Adrover (MVD)

Enraizados e edificados em Cristo, firmes na Fé.

- 4 Enraizados e edificados em Cristo, firmes na Fé
- 9 **PARTE I** | Depois da morte: presença, certeza, missão
- 10 Só a Fé basta
- 13 Viver como as primeiras comunidades cristãs
- 16 Jesus sempre presente no Mundo para que se cumpra a mesma missão: Viver o Mandamento do Amor!
- 20 A Páscoa: Coração do Evangelho
- 23 **PARTE II** | Tempo de mudanças, tempo de uma nova evangelização
- 24 Semear onde só Tu alcanças
- 26 Estamos no mundo
- 31 Alarga o espaço do teu coração!
- 35 Evangelizar aqui e agora
- 41 **PARTE III** | Alicerçados em Cristo para criar
- 42 Cimentados em Cristo
- 45 Cristãos Capazes de Marcar o Mundo
- 51 Alicerçados ao Amor de Deus
- 58 Semeadores de Esperança
- 62 Viver a Beleza de Deus
- 66 **PARTE IV** | Carta de António Velasco à Família Missionária Verbum Dei

Enraizados e edificados em Cristo, firmes na Fé?

É no meio do calor que escrevo esta introdução. Calor de Verão que começou há já tanto tempo (quando o Verão, propriamente dito, só agora começa) e calor da emoção da campanha eleitoral e das eleições que se seguem... Esta manhã passei por uma praça, em frente a uma Câmara Municipal, por onde passavam meninos a tocar tambor (e a fazer imenso barulho) e muitas pessoas de bandeiras (de um partido) na mão a acenar... e pergunto-me como é que ainda há pessoas com convicção para vir para a rua (com este calor) apoiar seja que partido for...

“A esperança é a última a morrer” e, no meio de tantas dificuldades e desilusões, continuar a acreditar e pôr os meios para que os sonhos se tornem realidade, é de louvar!

Noutro dia li uma frase linda que diz: “Todos os santos têm um passado. Mas todos os pecadores têm um futuro.”

Apesar das pedras no sapato, dos pedregulhos que encontramos pelo caminho, ter esperança, acreditar, pôr os meios, não desistir, é de louvar! Como gostaria que esta ideia entrasse nos meus ouvidos, no meu coração... sobretudo quando desanimo e desespero em momentos de maior aflição.

O lema das Jornadas Mundiais da Juventude este ano é: “Enraizados e edificados em Cristo, firmes na Fé” Col 2, 7.

Que maravilha acreditarmos num Deus sempre pronto a levantar-nos, um Deus que é chão para a nossa vida, uma vida feita de tantos tropeções... A palavra “desistir” não existe no vocabulário de Jesus!

Aliás, o único apóstolo que desistiu, que se deixou levar pela falta de confiança em Jesus e na sua capacidade de perdoar, foi Judas que, apesar de ter pecado, não acreditou

no amor grandioso de Deus sempre pronto a acolhê-lo nos braços!

Todas as atitudes de perdão, de reconciliação, de humildade e assumir que errei ou que erraram, enternecem-me, fazem-me tremer as pernas, e ao nó na garganta e às lágrimas que surgem nos olhos, segue-se um momento de alívio, de me tirarem um enorme peso de cima.

Noutro dia um menino na catequese dizia que “Hoje em dia é muito difícil haver santos porque fé, fé, fé mesmo a sério, já é muito raro haver!”. Graças a Deus que esta ideia não é verdade mas nunca é demais termos consciência de que se não vamos mais longe, se não aceitamos ser santos, é por falta de convicção, é por falta de FÉ...

Que a ilusão e dedicação de tantas pessoas nos comícios e na campanha eleitoral nos ajude a acreditar que ter FÉ é possível, assim tenhamos a humildade para levantarmos os braços para aceitar o abraço de Deus que tanto nos ama a TODOS e em qualquer circunstância da vida.



Enraizados e edificados em Cristo

Para ressaltar a importância da fé na vida dos crentes, gostaria de deter-me em três termos que São Paulo utiliza em: "Enraizados e edificados em Cristo, firmes na fé" (cf. Col 2, 7). Aqui, podemos distinguir três imagens: "enraizado" evoca a árvore e as raízes que a alimentam; "edificado" refere-se à construção; "firme" alude ao crescimento da força física ou moral. Trata-se de imagens muito eloquentes. Antes de comentá-las, é preciso assinalar que no texto original as três expressões, desde o ponto de vista gramatical, estão no passivo: quer dizer, que é Cristo mesmo quem toma a iniciativa de enraizar, edificar e tornar firmes os crentes.

A primeira imagem é a da árvore, firmemente plantada no solo por meio de raízes, que lhe dão estabilidade e alimento. Sem as raízes, seria levada pelo vento, e morreria. Quais são nossas raízes? Naturalmente, os pais, a família e a cultura de nosso país são um componente muito importante de nossa identidade. A Bíblia mostra-nos outro mais.

O profeta Jeremias escreve: "Bendito quem confia no Senhor e coloca no Senhor sua confiança. Será uma árvore planta junto à água, que junto às correntes lança suas raízes. Quando chega a estiagem, não a sentirá, sua folha estará verde; no ano da seca, não se inquieta, não deixa de dar fruto" (Jer 17, 7-8). Enraizar, para o profeta, significa voltar a colocar sua confiança em Deus. D'Ele vem nossa vida. Sem Ele, não poderíamos viver de verdade. "Deus nos deu a vida eterna e esta vida está em seu Filho" (1 Jo 5, 11). Jesus mesmo apresenta-se como nossa vida (cf. Jo 14, 6). Por isso, a fé cristã não é somente crer na verdade, mas, sobretudo, é uma relação pessoal com Jesus Cristo. O encontro com o Filho de Deus proporciona um dinamismo novo a toda a existência. Quando começamos a ter uma relação pessoal

com Ele, Cristo revela-nos a nossa identidade e, com a sua amizade, a vida cresce e realiza-se em plenitude. Existe um momento na juventude em que cada um se pergunta: que sentido tem a minha vida, que finalidade, que rumo devo lhe dar? É uma fase fundamental que pode perturbar a mente, às vezes durante muito tempo. Pensa-se em qual será nosso trabalho, as relações sociais que devem se estabelecer, que afectos devem-se desenvolver... Neste contexto, volto a pensar na minha juventude. De certo modo, logo percebi que o Senhor me queria sacerdote. Mas, mais adiante, depois da guerra, quando no seminário e na universidade me dirigia até essa meta, tive que reconquistar essa certeza. Tive que me perguntar: é esse, de verdade, meu caminho? É, de verdade, a vontade do Senhor para mim? Serei capaz de permanecer-lhe fiel e estar totalmente à disposição d'Ele, a Seu serviço? Uma decisão assim também causa sofrimento. Não pode ser de outra maneira. Mas, depois, tive a verdade: está certo! Sim, o Senhor quer-me, por isso me dará também a força; Escutando-lhe, estando com Ele, chego a ser eu mesmo. Não conta a realização dos meus próprios desejos, mas sim a Sua vontade. Assim, a vida torna-se autêntica.

Como as raízes da árvore a mantêm plantada firmemente na terra, assim os alicerces dão à casa uma estabilidade perdurável. Mediante a fé, estamos enraizados em Cristo (cf. Col 2, 7), assim como uma casa está construída sobre os alicerces. Na história sagrada, temos numerosos exemplos de santos que edificaram sua vida sobre a Palavra de Deus. O primeiro: Abraão. Nosso pai na fé obedeceu a Deus, que lhe pedia que deixasse a casa paterna para encaminhar-se a um país desconhecido. "Abraão creu em Deus e isto lhe foi tido em conta de justiça, e foi chamado amigo de Deus" (Tg 2, 23). Estar enraizados em Cristo significa responder concretamente ao chamado de Deus, confiando-se a Ele e colocando em prática Sua Palavra. Jesus

mesmo repreende aos seus discípulos: "Por que me chamais 'Senhor, Senhor!' e não fazeis o que vos digo?" (Lc 6, 46). E recorrendo à imagem da construção da casa, complementa: "Todo aquele que vem a mim ouve as minhas palavras e as pratica [...] é semelhante ao homem que, edificando uma casa, cavou bem fundo e pôs os alicerces sobre a rocha. As águas transbordaram, precipitaram-se as torrentes contra aquela casa e não a puderam abalar, porque ela estava bem construída" (Lc 6, 47-48).

Queridos amigos, construí vossa casa sobre a rocha, como o homem que "cavou bem fundo". Tentai também vós acolher a cada dia a Palavra de Cristo. Escutai-o como ao verdadeiro Amigo com quem compartilhar o caminho de vossa vida. Com Ele ao vosso lado, sereis capazes de afrontar com valentia e esperança as dificuldades, os problemas, também as desilusões e os fracassos. Continuamente apresentar-vos-ão propostas mais fáceis, mas vós mesmos percebereis que se revelam como enganosas, não dão serenidade nem alegria. Somente a Palavra de Deus mostra-nos o caminho autêntico, somente a fé que nos foi transmitida é a luz que ilumina o caminho. Acolhei com gratidão este dom espiritual que haveis recebido de vossas famílias e esforçai-vos para responder com responsabilidade ao chamado de Deus, convertendo-vos em adultos na fé. Não creiais nos que dizem que não necessitais dos outros para construir vossa vida. Apoiar-vos, ao contrário, na fé de vossos entes queridos, na fé da Igreja, e agradecei ao Senhor por tê-la recebido e tê-la feito vossa.

Mensagem de Bento XVI para a XXVI Jornada Mundial da Juventude - 2011

parte I ————— Depois da morte:
presença, certezas, missão.

Só a fé basta

Numa carta do Presidente da Fraternidade Missionária Verbum Dei, António Velasco, neste mês de Maio, lia-se:

“O primeiro grupo de discípulos, homens e mulheres, experimentaram uma mudança fundamental na sua vida não isenta de dor. A experiência de Reino, primeiro partilhada com Jesus, a brusca e inesperada morte do Mestre, a obscuridade que experimentaram na sexta-feira e no sábado santo como final de um caminho pelo qual se tinham posto a caminho deixando as suas seguranças. Humanamente era o fim de tudo o que era grande, bom e bonito que movia a sua existência; aniquilamento da causa que dava sentido às suas vidas.

Pouco depois, de forma também inesperada, chega aos seus corações a luz da Ressurreição. Esta experiência de encontro com o Ressuscitado não foi algo mágico que lhes desse de uma vez por todas uma fé inquebrável ou a facilidade para realizar a obra de Deus. Necessitaram de tempo. Necessitaram de acostumar-se a uma nova forma de presença de Jesus entre eles; necessitaram de abrir caminhos nas suas vidas a uma missão universal à qual Jesus os consagrava em virtude da sua palavra e do poder da sua ressurreição.”

Realmente a experiência que os primeiros discípulos têm de Jesus é tudo menos fácil... Primeiro porque conviveram com Jesus durante pouco tempo. Depois, muito do que Jesus pregou e lhes disse, não devem ter compreendido nada. Finalmente, porque a morte de Jesus leva-os a viver escondidos e depois da experiência de Ressurreição, são perseguidos por anunciarem alguém que só os acompanha em Espírito e não em carne e osso... só visto e testemunhado porque contado 2000 anos depois é

caso para não acreditar!

E nós?...

... Uns acomodados, é o que somos, se nem sequer fazemos um esforço para, por exemplo, irmos à missa ao Domingo porque colide com os nossos muitos programas de fim-de-semana.

... Uns medricas quando ficamos muito caladinhos nos ambientes mais agnósticos por onde passamos e nos quais não ousamos partilhar o calor de Jesus que tantas vezes já nos aqueceu o coração.

... Uns cobardes porque já conhecemos o tesouro mas teimamos viver valorizando tantas e tantas porcarias.

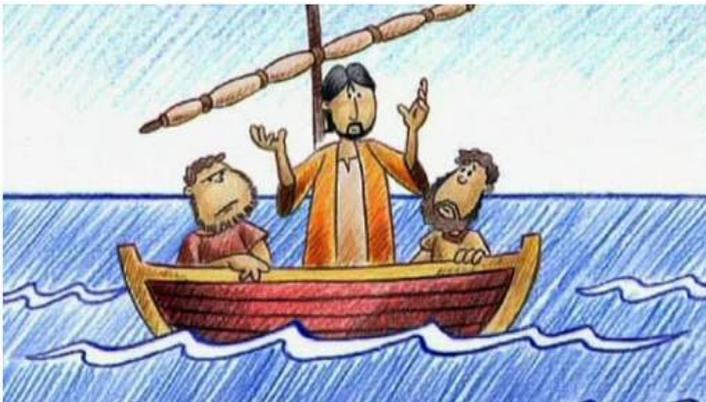
Peço desculpa, deveria ter escrito estes 3 últimos parágrafos na primeira pessoa do singular (e não do plural) mas no contexto actual em que vivemos, é caso para dizer que a população mundial seria maioritariamente católica se cada um de nós, que temos o mínimo de fé, nos esforçássemos e aplicássemos tanto a anunciar um Deus amor como os nossos antepassados primeiros cristãos o fizeram.

Deixemo-nos interpelar pois, por estes “heróis” que deram a vida por nós, para que hoje possamos viver uma vida com o mínimo de sentido e de qualidade.

O sonho

*Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.
Basta a fé no que temos,
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e do que é do dia-a-dia.
Chegamos? Não chegamos?
- Partimos. Vamos. Somos.*

Sebastião da Gama, Pelo Sonho é que Vamos (1953)



Viver como as primeiras comunidades cristãs

Act 2, 42-47 *«Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuía-m o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.»*

 Os textos do livro dos Actos dos Apóstolos são muito reveladores sobre o modo como os primeiros cristãos viveram o início do cristianismo. Desde o desnorte que os discípulos experimentaram após a morte de Jesus, à dificuldade com que aceitaram a sua Ressurreição, à coragem que demonstraram para enfrentar o povo judeu (em especial os doutores da lei, em nome de Deus, após receberem o Espírito Santo no Pentecostes), são uma boa

prova da humanidade destes primeiros cristãos.

A certeza de que estas comunidades passaram por todas estas dificuldades faz com que eu me identifique perfeitamente com elas. Dá-me coragem, para que também eu possa viver a missão que Deus me confia de levar a Sua mensagem àqueles que fazem parte da minha vida. Não é só hoje que é difícil falar de Deus e de Jesus. Sempre foi. Nenhum dos discípulos teve a vida mais facilitada do que nós. Aliás, se fosse fácil, o fruto não seria tão bem apreciado.

Toda esta certeza não teria sentido absolutamente nenhum, se Jesus não tivesse Ressuscitado. A presença de Jesus até ao fim dos tempos, no meio de nós, é o que nos move a segui-Lo, como os primeiros discípulos fizeram.

Infelizmente (ou felizmente) estamos a viver tempos difíceis, que nos tornam mais disponíveis para escutar a Deus, através da Sua Palavra, ou através dos outros. Porque é que não aproveitamos este tempo para redefinir prioridades, reaprender a dar valor às coisas mais simples da vida, reaprender a viver segundo as nossas possibilidades? Tenho experimentado muito isso nos últimos meses, desde que o meu filho nasceu. As suas pequenas, grandes conquistas (conhecer as suas mãos, saber dominá-las para agarrar objectos, aprender a gatinhar, aprender a andar) são ensinamentos que me vai dando todos os dias.

Aproveitemos estas férias para reler o livro dos Actos dos Apóstolos e reaprender a viver como eles, para trazer cada vez mais o Reino de Deus para o nosso mundo. Deus quer viver connosco. Por isso, de que estamos à espera?

"Obrigado, Senhor, por me teres dado a vida e por me teres chamado para o teu grupo.

Chamaste-me, todos os dias, a ser tua testemunha no mundo, entre os irmãos.

Chamaste-me a viver com os outros, a encontrar-Te e a amar-Te e a encontrar e a amar os outros.

Tu, que vês a minha vida e conheces todo o meu ser, ajuda-me a estar sempre unido a Ti e a todos os irmãos.

Pelo amor vivido em cada dia, faz-me constructor de uma Igreja viva, de uma Igreja comunidade".

Irmão Roger, de Taizé



Jesus sempre presente no Mundo para que se cumpra a mesma missão: Viver o Mandamento do Amor!

Jo 14, 15-21

«Se me tendes amor, cumprireis os meus mandamentos, e Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós.» «Não vos deixarei órfãos; Eu voltarei a vós! Ainda um pouco e o mundo já não me verá; vós é que me vereis, pois Eu vivo e vós também haveis de viver. Nesse dia, compreenderéis que Eu estou no meu Pai, e vós em mim, e Eu em vós. Quem recebe os meus mandamentos e os observa esse é que me tem amor; e quem me tiver amor será amado por meu Pai, e Eu o amarei e hei-de manifestar-me a ele.»

Hoje, neste momento de oração, começo por agradecer pela presença de Jesus, que nunca passa...

Realmente Jesus veio ao Mundo e veio para ficar! Começou por marcar a sua história radicalmente mas não ficou por aí! Deixou também a mensagem que nunca nos abandonaria. João escreve-nos algo fortíssimo a este respeito: “Não vos deixarei órfãos”. De facto, quando leio esta frase e penso no que ela pode significar para a minha vida compreendo como sou um “homem de pouca fé”, como tantos que se cruzaram com Jesus... Acreditar profundamente na citação de João muda vidas, mas não as muda porque sim, muda-as pelo sentido que estas descobrem, pelo sustento inabalável que é acreditarmos que somos filhos de um Deus que nos ama e nunca, mas nunca, nos abandona. Recuando um pouco no que referi, de facto não quero ser mais um “homem de pouca fé” que me cruzei com Jesus... existiram, existem e irão existir tantos assim... Eu não serei mais um? Procurar Jesus, segui-Lo, escutar as suas intervenções públicas, não fizeram de muitos homens no Seu tempo pessoas de fé, tal como hoje não faz de mim o estar inserido numa Comunidade, ir à missa e até fazer retiros! Não basta escutar a Sua palavra... Como diz Mateus, no capítulo 7, há que escutá-la e pô-la em prática, viver de forma prudente! Efectivamente, não posso querer VIVER (ao jeito de Jesus) a partir do dia X, à hora Y! Ou se tenta VIVER sempre ou não se vive!

É este o desejo de Jesus para cada um de nós: que sejamos capazes de VIVER! Ele próprio nos diz que havemos de VIVER porque Ele continua VIVO!

Jesus chama-nos a uma missão muito concreta que, na medida em que conseguimos ir-lhe dando resposta, a nossa

vida é fecunda, numa alegria plena. Dizer que Jesus ensinou a Humanidade a amar não me parece exagero nenhum. De facto, experimento-o em mim! Jesus começou por desconcertar-me pela forma como viveu e amou. Depois acabou por ir “alargando” o meu coração... e se hoje amo melhor os outros e a mim mesmo, isso deve-se a Ele.

O Amor é o fundamento de todos os mandamentos que Ele nos ensinou e nos ajuda a pôr em prática, não nos deixando sós com as dificuldades. No fundo, deixa-nos as ferramentas (os mandamentos) e a força da Sua presença para que sejamos capazes de construir um mundo mais fraterno!

Existe uma música que me marcou profundamente os primeiros anos na Comunidade que diz algo parecido com: “Como te pagarei todo o bem que me tens feito Senhor?” De facto, fazendo memória da minha vida, compreendo que tenho muito para agradecer-Te Jesus! Muitas pessoas concretizam este agradecimento de diferentes maneiras... hoje, dizes-me: “VIVE e a minha alegria será plena!”



Somos felizes!

Somos felizes, porque fomos chamados à vida.

Somos felizes, porque fomos chamados à fé.

Somos felizes, porque Deus nos amou primeiro.

Somos felizes, porque temos um Deus muito melhor do que imaginávamos.

Somos felizes, porque, ao ressuscitar, (Cristo) venceu a morte.

Somos felizes, porque sabemos que, inclusivamente, a dor é caminho de ressurreição.

Somos felizes, porque Ele continua conosco.

Somos felizes, porque, ao ser Ele o nosso irmão, descobriu quão irmãos nós éramos.

Somos felizes, porque Ele curará a nossa cegueira como a de Tomé.

Somos felizes, porque Ele avivará a nossa esperança morta como a dos de Emaús.

Somos felizes, porque ele endireitará o nosso amor como o de Madalena.

Somos felizes, porque os nossos nomes estão inscritos no Reino dos Céus.

Somos felizes, porque o Reino dos Céus já está dentro de nós.

Somos felizes, porque nos nomeou testemunhas do Seu prazer, a melhor das tarefas, o mais bendito dos trabalhos, a missão que deveria encher-nos sempre os ouvidos de alegria.

J.L. Martin Descalzo

A Páscoa: Coração do Evangelho

Act 2, 4-11 «Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem. Residiam em Jerusalém judeus piedosos, procedentes de todas as nações que há debaixo do céu. Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou muito admirada, pois cada qual os ouvia falar na sua própria língua. Atónitos e maravilhados, diziam: «Não são todos galileus os que estão a falar? Então, como é que os ouve cada um de nós falar na sua própria língua? Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egipto e das regiões da Líbia, vizinha de Cirene, colonos de Roma, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, ouvimo-los proclamar nas nossas línguas as maravilhas de Deus.»



Na Páscoa a Igreja nasce de novo, e esta novidade é vivida de maneira intensa pelos discípulos, apesar da confusão e das dificuldades iniciais eles conseguem perceber que a sua missão é anunciar o Evangelho. As maravilhas de Deus são o sinal da sua presença constante na Igreja, desde o início a sua missão é universal, tem a ver com a salvação que Deus quer oferecer a todos os homens. Como é que eu olho hoje para esta realidade? Tenho a noção de que Deus quer a salvação de todos? Será que tenho a capacidade de me deixar maravilhar?

Jo 20, 19-23 Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus, apresentou-Se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco». Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem o Senhor. Jesus disse-lhes de novo: «A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós». Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos»

 uando os discípulos recebem o Espírito Santo, deixam de ter medo, recebem a força para serem de facto testemunhas da nova realidade que eles mesmos viveram. Jesus cumpre a promessa e deixa-nos o seu Espírito.

É desta realidade nova que vivemos, é a partir desta novidade que se enraíza a nossa fé e partimos do Pentecostes para sermos verdadeiros discípulos.

Será que estamos mesmo enraizados em Cristo? Nós recebemos o mesmo Espírito, será que temos esta consciência? Como vou viver as férias? Que tempo dou a Deus? Ele está nos meus planos?

Também nós gostaríamos de poder ver Jesus, de poder falar com Ele, de sentir ainda mais forte a sua presença. Hoje para muitos, o acesso a Jesus tornou-se difícil. Circulam tantas imagens de Jesus que se fazem passar por científicas e O privam da sua grandeza, da singularidade da Sua pessoa. Portanto, durante longos anos de estudo e meditação, maturou em mim o pensamento de transmitir um pouco do meu encontro pessoal com Jesus num livro: quase para ajudar a ver, a ouvir, a tocar o Senhor, no qual Deus veio ao nosso encontro para se dar a conhecer. De facto, o próprio Jesus aparecendo de novo aos discípulos depois de oito dias, diz a Tomé: «Chega aqui o teu dedo e vê as Minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no Meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente» (Jo 20, 27). Também nós temos a possibilidade de ter um contacto sensível com Jesus, meter, por assim dizer, a mão nos sinais da sua Paixão, os sinais do seu amor: nos Sacramentos Ele torna-se particularmente próximo de nós, doa-se a nós. Queridos jovens, aprendei a «ver», a «encontrar» Jesus na Eucaristia, onde está presente e próximo até se fazer alimento para o nosso caminho; no Sacramento da Penitência, no qual o Senhor manifesta a sua misericórdia ao oferecer-nos sempre o seu perdão. Reconhecei e servi Jesus também nos pobres, nos doentes, nos irmãos que estão em dificuldade e precisam de ajuda”



Bento XVI

Mensagem para jornadas mundiais da juventude 2011

parte II ~~Tempo de mudanças,~~
Tempo de uma nova evangelização

Semear onde só Tu alcanças

*“Lembro-me de Ti
Quando vejo estrelas
Quando o sol brilha no mar
Meu Deus de Beleza
Da noite e da luz
Quando tenho a certeza
De que tudo me seduz.
Só é preciso saber ver
Bem para lá do meu olhar
Para saber que Tu estás
Sempre que me consigo dar.”*

Oração Xacobeo ‘10 Círculo Xavier e Círculo Loyola

Meu Deus, de infinita bondade, que alcanças mares e terras que nunca vi nem alguma vez verei, mas onde, seguramente, um dia chegarão sementes de fé por Ti lançadas através da minha vida...

De facto, não imaginamos o alcance da nossa vida... São tantas as pessoas que por nós passam, que se tivéssemos com cada uma delas uma atitude cristã, o mundo seria um local de sonho para se viver...

O Deus amor em que acreditamos permite-nos viver de uma forma tão descentrada de nós mesmos, que se estivéssemos mais atentos, as transformações que produziríamos neste mundo seriam infinitas. O problema é que umas vezes não temos fé suficiente, outras estamos distraídos, outras acomodamo-nos e somos preguiçosos, outras não temos a sabedoria nem o conhecimento para agir

correctamente... Mas se não desistíssemos nunca e se aceitássemos amadurecer e crescer no amor de Deus todos os dias, veríamos as mudanças em nós mesmos e aí, sim, acreditaríamos que as nossas atitudes fariam TODA a diferença!

A minha filha tem uma T-shirt que diz: “Love, peace and more recycle” (Amor, paz e reciclar mais). Concordo plenamente mas se dissesse “Love, peace and more faith” (Amor, paz e mais fé) devia ser eu a andar com a T-shirt vestida para não me esquecer de que acreditar em Ti, Senhor, e ser consequente com aquilo que de Ti intuo e vou discernindo, faz deste mundo um local infinitamente melhor!



Estamos no mundo

Jo 17, 11-16

« Eu já não estou no mundo; mas eles estão no mundo, enquanto Eu vou para junto de ti. Pai Santo, guarda-os em teu nome, o nome que me deste, para que eles sejam um, como nós somos um. Quando estava com eles, Eu os guardava em teu nome, o nome que me deste. Eu os guardei, e nenhum deles se perdeu, a não ser o filho da perdição, para se cumprir a Escritura. Agora, porém, eu vou para junto de ti, e digo estas coisas estando ainda no mundo, para que tenham em si a minha alegria em plenitude. Eu lhes dei a tua palavra, mas o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como eu não sou do mundo. Eu não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do maligno. Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo. Consagra-os pela verdade: a tua palavra é a verdade.»

Estar no mundo já implica a responsabilidade de nos preocuparmos por ele, não podemos “lavar as mãos” e ignorá-lo. Como cristãos temos o dever de dar um sabor evangélico a este mundo. O nosso compromisso é dar-lhe aquilo que não tem e que necessita. Temos que ter fé no nosso mundo para ver tudo com uma nova luz.

Há já muito tempo que somos invadidos pela sensação de que tudo está a mudar: a sociedade, o modo de vida, os valores, costumes, a maneira de enfrentar e entender a vida... Esta sensação corresponde à realidade, uma realidade que por vezes nos desorienta e nos ultrapassa e à qual, como cristãos, nem sempre sabemos dar uma resposta a partir da fé, ficando apenas por atitudes amargas e críticas.

Não é a primeira vez na história que as comunidades cristãs têm de enfrentar este desafio: viver e anunciar a fé no meio de uma sociedade imersa em alterações profundas, e experienciando a indiferença e a hostilidade por parte desta sociedade. Hoje é a nossa vez de o enfrentar.

O que nos diz a nossa fé nesta situação? E, desde a fé, que palavras temos a dizer aos que nos rodeiam?

A primeira palavra de Jesus que o Espírito nos recorda é que “estamos no mundo” mas “não somos do mundo” (Jo 17, 11-16). Estamos no mundo e é este mundo que temos de evangelizar.

O nosso “estar no mundo” obriga-nos a estar no mundo com os olhos bem abertos, com os sentidos muito alerta, para captar a profundidade de cada situação, os sinais dos tempos...; obriga-nos também a colocar a nossa mente e a nossa imaginação, toda a nossa criatividade, para descobrir como viver e anunciar o evangelho hoje de uma maneira coerente e credível. Jesus “esteve” no mundo e na época em que viveu soube captar as situações das pessoas e da sociedade: as suas resistências e dúvidas, e também os seus desejos mais profundos; acolheu as pessoas nas suas pobreza, fragilidades, doenças e pecados, e a partir daqui anunciou-lhes a Boa Notícia do Amor de Deus. Também teve uma palavra de denúncia para com os poderes políticos e

religiosos da altura.

Mas Jesus não era do mundo, por isso pôde dizer uma palavra “diferente”, uma palavra que além do mais não era “sua”, mas do Pai que Iha transmitia (Jo 14,24; 8, 26-28). Por isso o nosso “estar no mundo” não pode converter-se em ansiar o passado, temer a realidade presente encerrando-nos em nós mesmos. Nem sequer pode converter-se numa tentativa de nos adaptarmos ao mundo e adaptarmo-nos tanto a ele que percamos a capacidade de ser sal e luz do mundo; e “se o sal se corromper, com que se há-de salgar?” (Mt 5, 13)

Do mesmo modo, temos de estar atentos para que não se vão instalando em nós, sem que nos apercebamos, os valores e modo de pensar do mundo, para os quais S. Paulo nos chama a atenção: “Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade...” (Rm 12, 2).

Porque, como Jesus, “não somos do mundo”. E agora Ele entrega-nos a missão de continuar a espalhar a sua palavra, que é a palavra do Pai, por todo este mundo. Para tal necessitamos que as nossas raízes estejam em Deus, as bases da nossa vida em Cristo (Cl 2, 7); precisamos de renovar continuamente a nossa mente e o nosso coração através da escuta diária da Palavra. Ela irá modelando o nosso pensar e o nosso sentir, para que sejam os de Jesus, os que o Pai quer; que as palavras que dizemos sejam as suas, que as nossas acções sejam as suas, para que, tal como quem via Jesus via o Pai, também que sempre que nos veja o veja a Ele.

Escutar a Palavra, acolhê-la e vivê-la é o que nos permitirá ser sal e luz, estarmos sempre dispostos a mostrar as razões do que cremos e do que esperamos (1 Pe 3, 14-17). Porque isto, o que cremos e o que esperamos, é um tesouro demasiado grande que não podemos guardar para nós, perante um mundo desorientado, perante tantas pessoas que, às cegas e de mil e uma maneiras, andam em busca de um sentido e de esperança.



As características de uma forma secularizada de entender a vida influenciam o comportamento diário de muitos cristãos, que se mostram frequentemente influenciados, mesmo até condicionados, pela cultura da imagem com os seus modelos e impulsos contraditórios.

A mentalidade hedonista e consumista predominante provoca neles uma tendência para a superficialidade e egocentrismo que não é fácil de combater. A “morte de Deus”, proclamada por muitos intelectuais no passado, está a dar lugar a um culto estéril do indivíduo. O risco de perder os elementos fundamentais da gramática da fé é uma realidade, com a consequência de cair na atrofia espiritual e num vazio do coração, ou, pelo contrário, em sucedâneos de pertença religiosa e de vago espiritualismo.

Num cenário como este, a nova evangelização apresenta-se como um estímulo, do qual as comunidades cansadas e fatigadas necessitam, para redescobrir a alegria da experiência cristã, para reencontrar «o amor de um tempo» que se perdeu (Ap. 2,4), para confirmar a natureza da liberdade na busca da Verdade.

Bento XVI

De Lineamenta para o sínodo da nova Evangelização

Alarga o espaço do teu coração!

Is 54, 2-3 « *Alarga o espaço da tua tenda, estende as cortinas das tuas moradas, não te detenhas. Alonga as cordas, reforça as estacas, pois hás-de transbordar para a direita e para a esquerda. A tua descendência se apoderará de outras terras e repovoará cidades abandonadas* »

Jo 21, 15-16 « *Simão, filho de João, Tu amas-me? Apascenta as minhas ovelhas.*»

Somos convidados a evangelizar! A descobrir novas formas de responder com esperança a este mundo tão desesperançado onde vivemos hoje.

Ao longo desta semana, andei à procura de leituras para acompanhar estas pistas e ajudou-me imenso ver que Abraão, Moisés, Davi, os apóstolos, Marta e Maria, Lázaro... são todos homens e mulheres “normais”, comuns, como nós: não têm uma vida fácil nem diferente de tantos outros que moram à sua volta, não são pessoas com notoriedade no meio onde vivem – são homens e mulheres do seu tempo... como eu! Mas todos eles têm sede de acreditar! E todos eles, cada um na sua “vidinha”, acreditam na voz que os chama, crêem no Deus que lhes fala. E é essa fé que os move, que os transforma, que os faz agir, que os faz largar o sítio onde

estão, as amarras que os detêm e, por isso, mudam a sua vida, partem na aventura de uma vida com Deus! Assumem o desafio que Deus lhes propõe, imagino eu que com algum receio, com alguma angústia quanto ao que deixam para trás. Muitas vezes questionam, mas vão, caminham, seguem o caminho que Deus lhes aponta... confiam acima de tudo em Deus...e eu? Procuo seguir o caminho que Deus, que Jesus me diz? Sigo a sua voz? Conheço a Sua voz?... Confio nele? Às vezes temos tanto medo de confiar! Vejo muita gente de “phones” nos ouvidos quando andam pela cidade – temos sempre necessidade de tanto “ruído”... somos capazes de calar as “vozes” que moram no nosso coração?

Para mim, evangelizar é alargar o “espaço da minha tenda” – estender o “meu” lugar sagrado aos outros; abrir o meu coração a todos os que me rodeiam e também a Deus, abrir a minha mentalidade ao outro, à diferença. Deixar que Ele me vá falando, mas procurar também falar eu com Ele, deixar que Ele actue em mim, que me vá transformando, que me vá “adoçando”, quando eu, no meio da minha vidinha, dou por mim a fechar a porta ao outro, a ficar indiferente aos que por mim passam... é o Senhor quem me faz levantar cada manhã não só para ir trabalhar, mas levantar-me com alegria, com dedicação: hoje é um dia bom para amar! Para viver e não sobreviver!

“Não te detenhas!”... às vezes, deixo-me parar por qualquer coisa: tenho-me apercebido que me deixo condicionar pelas coisas mais pequeninas, pelas mais mesquinhas... são mesmo essas que dão cabo do meu dia e das minhas boas intenções!!... Pois bem, Senhor, ajuda-me a descobrir como ultrapassar este modo de ser, este modo de viver que às vezes me impede de ser fiel a Ti e ao teu amor! “Eu sou de Deus”... foi isto que eu gostei imenso de descobrir quando fiz

um retiro online: a alegria e a transformação que ocorrem na minha vida quando eu digo “Eu sou de Deus”!

“Alonga as cordas, reforça as estacas” – onde, como reforço eu as estacas? Em Deus?... Para sermos verdadeiramente capazes de evangelizar temos mesmo de reforçar as nossas estacas em Deus, na Sua Palavra, na oração, aprender a confiar Nele... ainda que isso, para mim, implique deixar as camas por fazer, improvisar um jantar para a minha família, deixar uma máquina de roupa para o dia seguinte, não falar ao telefone, não “borregar” em frente à televisão quando os filhos se deitam...

“Simão, filho de João, Tu amas-me? Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21, 15-16)

Apascenta as minhas ovelhas: Olha para fora de ti próprio! Trata, preocupa-te com o teu irmão! Espera por ele!... Às vezes andamos tão depressa, queremos viver tanta coisa, fazer tantas coisas que nos esquecemos que há outros que têm outro ritmo... Às vezes nem vemos que deixámos alguém para trás! Fui a um casamento onde o Padre que o celebrou fez a comparação do casamento com o remo (desporto): vão os dois no barco e têm de aprender o ritmo um do outro, para não ir cada um a remar pelo seu lado... cuidar do outro – não só no casamento - também é descobrir o ritmo do outro, aprender a ser paciente ... aprender a esperar por ele, deixar que ele descubra o que é ser de Deus! Aceitar que a minha parte pode ser só lançar a semente... não tenho de ver os frutos logo!... Ensina-me, Senhor, a fazer minhas as “Tuas ovelhas”, a saber olhar, a saber descobrir os que me rodeiam, a ser capaz de me entregar sem receber nada em troca, a amar!.. a poder dizer “eu sou de Deus”!

*A Trindade vive em mim
Em mim o bom Deus se fixa
E me pede que seja sua pousada,
Ser a casa de Deus preferida,
Em mim quer instalar sua morada:
Morada de Deus a mais íntima
E à minha porta insistente me chama.
E ainda que veja a minha cova em ruínas,
Toda suja e desarrumada,
Me toca, insiste e me grita,
Por favor O escute e lhe abra.
Porque em mim, na minha vida perdida
Ele quer reconstruir a sua casa.
Me roga, por favor, me suplica
Que seja por Ele habitada
Porque me quer a mim mais que à sua vida,
Porque me ama, me ama e me ama.*

Jaime Bonet



Evangelizar Aqui e Agora

Rom 12, 1-2 «Por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-nos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual é a vontade de Deus; ó que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito»

Existe hoje uma espécie de derrotismo na Igreja porque cada vez somos menos. Quando falamos disto, é comum pensarmos que a culpa é da sociedade secularizada que tudo relativiza. Perante esta situação, uns desistem, outros criticam. Alguns acreditam que são tempos novos e que precisamos de humildade para o reconhecer. Temos de descobrir como temos que mudar e saber chegar ao homem e à mulher de hoje.

O Papa Bento XVI também sente esta realidade e exalta-nos a empenharmo-nos numa Nova Evangelização.

Quero dialogar com Jesus o que vivi ontem numa reunião com jovens. Foi com muita tristeza que escutei críticas à Igreja com a qual não sentem afinidade, sentem-se incompreendidos, pouco acolhidos e nada valorizados. É verdade que pode ser um pouco exagerado, mas eles têm esta sensação que deve ser tida em conta. Por outro lado, a Igreja experimenta a dificuldade na evangelização dos jovens e não sabe muito bem como cativá-los.

Isto acontece com os jovens, mas passa-se o mesmo com os adultos, os casais, as crianças... Todos. A Igreja não é um lugar de referência para muitos, a sociedade ganha no momento de escolher, e é mais animado ir à bola do que à missa. Gostamos mais de ir ao cinema do que a uma reunião na paróquia. Temos tempo para fazer mil coisas, mas não temos tempo para participar num grupo ou num voluntariado religioso durante as 24 de cada dia.

Jesus, o que se passa? O que nos falta ou o que nos sobra? Porquê que os filhos das trevas são mais sagazes que nós? (Lc 16,8). Por acaso Tu já nos advertiste, não nos mandaste para um terreno fácil, nem para um mar tranquilo, e Tu próprio experimentaste a incompreensão, a tempestade, a perseguição, a negação, a incredulidade dos teus e até a morte injusta.

Onde procurar soluções para estes tempos? O Papa Bento XVI, apercebendo-se desta situação lançou-nos um desafio: “É preciso uma Nova Evangelização” Não podemos fazer como se estivesse tudo bem, nem fugir, nem ter uma atitude de crítica permanente, nem tão-pouco devemos estar sempre com lamurias. Por outro lado, também não devemos ser derrotistas e pensar que é impossível fazer alguma coisa, que está tudo perdido! Se calhar estes momentos são bons para

parar, orar, partilhar e sobretudo seria muito importante unirmo-nos trabalhando juntos.

Quando o Papa fala de Nova Evangelizarão, o que quer dizer? Métodos novos, palavras novas, valores novos, estruturas novas? Com certeza que temos que mudar algumas coisas, não podemos ficar num imobilismo, instalados no que sempre foi, porque para isso Deus deu-nos uma fantástica capacidade de criatividade, e o evangelho diz-nos, “tempos novos odres novos” (Lc 5,37). Mas seguramente o mas importante é voltar ao evangelho, afirmarmos e afiançarmos em Jesus e na sua Palavra.

Jesus com muita clareza fala-nos das dificuldades que vamos encontrar no caminho, mas também com a mesma clareza dá-nos a solução: “Orar para não cair na tentação. Permanecei unidos a Mim, porque sem Mim nada podeis fazer (...), Sê um para que o mundo creia” (Cfr Lc 22,40; Jo 15,5; Jo17,21)

Acho que a nossa dificuldade de evangelizar é inerente à missão, muitos antes de nós já experimentaram o medo, o cansaço, a fragilidade, até o desejo de deixá-Lo. Jesus disse aos seus discípulos “Também vós me abandonaste?” (Cfr. Jo 6,68). São Paulo muitas vezes e em muitas das suas cartas insiste que na dificuldade e na fragilidade Deus é a nossa fortaleza, que nunca nos deixa sós. Há um parágrafo na carta aos Romanos que nos deixa ver perfeitamente a situação de desesperança em que se encontrava a comunidade, e Paulo dá-lhes ânimo e chega a suplicar para que não se acomodassem e não se deixassem prender pelos critérios do mundo, mas sim que ocorresse neles uma transformação, uma mudança. Diz-lhes que abram a mente, que olhem com olhos novos, que procurem, que arrisquem, que sejam criativos para saber o que é que Deus quer e como quer que o

realizem.

Jesus, creio entender que a Nova Evangelização é voltar às nossas raízes, reconstruir os nossos alicerces, voltar a Ti, que és o nosso fundamento, lançar as nossas raízes à beira da tua corrente de água viva, porque assim ainda que estejamos em tempo de seca, a nossa vida estará verdejante e contagiará e gerará vida aos outros.

Animemo-nos uns aos outros a viver este texto do profeta Jeremias:

“Bendito o homem que confia no SENHOR, que tem no SENHOR a sua esperança. É como a árvore plantada perto da água, a qual estende as raízes para a corrente; não teme quando vem o calor, e a sua folhagem fica sempre verdejante. Não a inquieta a seca de um ano e não deixará de dar fruto.” (Jer 17, 7-8)

Não temamos este tempos de calor e de aparente falta de ar, não nos afoguemos nas coisas deste mundo, porque Jesus diz-nos “tende confiança: Eu já venci o mundo” (Cfr Jo 16,33)

Oxalá! Todos nós estejamos muito atentos ao Sínodo da Nova Evangelização, rezemos para que os participantes sejam fiéis ao Espírito Santo e, depois, que saibamos viver e pôr em prática as conclusões que nos vão ajudar a ser bons evangelizadores.

O Papa convida a rezar

A nossa época assemelha-se muito à situação vivida por São Paulo: também nós nos encontramos, como cristãos, imersos num período de fortes mudanças históricas e culturais, como veremos mais adiante. Também para nós, o acto de evangelização exige uma análoga, simétrica e simultânea acção de discernimento. O Concílio Vaticano II, mais de quarenta anos atrás, tinha afirmado já: «A humanidade vive um período novo da sua história, caracterizada por profundas mudanças e rápidas transformações que progressivamente se estendem a todo o universo». Estas mudanças, de que nos fala o Concílio, multiplicaram-se no período sucessivo à sua celebração e, ao contrário daqueles anos, induzem não só à esperança, suscitam não apenas as expectativas utópicas, mas geram também medo e semeiam cepticismo. A primeira década deste novo século/milénio foi teatro de transformações que marcaram indelevelmente, e em mais de um caso em modo dramático, a história da humanidade.

Vivemos um momento histórico cheio de mudanças e de tensões, de perda de equilíbrios e de pontos de referência. Esta época força-nos a viver frequentemente encurralados no presente e na precariedade, sendo cada vez mais difícil a escuta e a transmissão da memória humana e a partilha dos valores sobre os quais construir o futuro das novas gerações. Neste contexto, a presença dos cristãos, o trabalho das suas instituições, é percebido de modo menos natural e com maior suspeita; nas últimas décadas, multiplicaram-se as interrogações críticas que confrontam a Igreja e os cristãos, tal como a Deus que proclamamos. A tarefa da evangelização encontra-se, assim, diante de novos desafios, que põem em causa práticas consolidadas, enfraquecem percursos

habituais e já padronizados; numa palavra, obrigam a Igreja a questionar-se de modo novo sobre o sentido das suas acções de anúncio e de transmissão da fé.

Bento XVI

Dos Lineamenta para o Sínodo da Nova Evangelização

Como evangelizar os jovens de hoje?



Alicerçados em Cristo

“O ruído é uma droga sempre presente que nos impede de escutar a Deus no nosso coração e obedecer-lhe. É um dos grandes inimigos dos nossos tempos.”

António Velasco, Carta à FMVD, Maio 2011

Se há coisa que me impede de raciocinar e sobretudo que me incomoda imenso quando estou cansada é a televisão muito alta, as crianças a berrar muito ou o rádio do carro ligado permanentemente. O ruído interfere imenso com o nosso estado de espírito. E ruído não é só alguma coisa ligada com o som alto, mas também o tipo de informação que recebemos.

Ora o problema de nos deixarmos inundar por ambientes com sons muito altos ou em que a qualidade daquilo que ouvimos deixa muito a desejar é que ficamos influenciados negativamente...

Se uma das minhas filhas está nervosa e se eu lhe disser com uma voz meiga e calma “Não faz mal, já vai passar, vais conseguir...”, é encantador ver como a sua expressão depressa começa a alterar-se e ela começa a acalmar-se.

Na vida devíamos ser muito mais selectivos com aquilo que ouvimos para não ficarmos doentes interiormente.

Quem faz retiros de silêncio sabe que é no silêncio daqueles dias que ouvimos palavras de ternura e de amor de quem nos ama melhor do que ninguém (o Senhor) apesar (e sobretudo) de passarmos muitas horas a não ouvir nada nem ninguém!

Dizem que o Senhor está sempre à nossa porta a bater... depois de ler o poema de Fernando Pessoa que surge no fim destas pistas, pensava que o Senhor, mais do que bater à porta, deve permanecer, em silêncio, à porta de cada um de nós. E nós, sem o ouvir bater, se abirmos a porta e o virmos, então podemos dizer-lhe para entrar porque temos a certeza de que ele está sempre à porta!

O problema é que para nos lembrarmos do Senhor à nossa porta, é preciso fazer silêncio... Não para o ouvir, porque ele talvez não bata sequer, mas para nos esquecermos da tralha e da traquitana que nos enche a casa e que nos impede de abrir a porta a quem deva entrar.

E, no limite, quando o silêncio nos ajudar de tal forma a ter a casa arrumada, limpa e arejada, então nem sequer temeremos não ouvir a porta porque ela estará sempre aberta!

*Se alguém bater um dia à tua porta,
Dizendo que é um emissário meu,
Não acredites, nem que seja eu;
Que o meu vaidoso orgulho não comporta
Bater sequer à porta irreal do céu.*

*Mas se, naturalmente, e sem ouvir
Alguém bater, fores a porta abrir
E encontrares alguém como que à espera
De ousar bater, medita um pouco. Esse era
Meu emissário e eu e o que comporta
O meu orgulho do que desespera.
Abre a quem não bater à tua porta*

Fernando Pessoa



Cristãos Capazes de Marcar o Mundo

Mt 28, 9-20

«Jesus disse-lhes: «Não temais. Ide anunciar aos meus irmãos que partam para a Galileia. Lá me verão.» Enquanto elas iam a caminho, alguns dos guardas foram à cidade participar aos sumos sacerdotes tudo o que tinha acontecido! Eles reuniram-se com os anciãos; e, depois de terem deliberado, deram muito dinheiro aos soldados, recomendando-lhes: «Dizei isto: ‘De noite, enquanto dormíamos, os seus discípulos vieram e roubaram-no.’ E, se o caso chegar aos ouvidos do governador, nós o convenceremos e faremos com que vos deixe tranquilos.» Recebendo o dinheiro, eles fizeram como lhes tinham ensinado. E esta mentira divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje. Os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando o viram, adoraram-no; alguns, no entanto, ainda duvidavam. Aproximando-se deles, Jesus disse-lhes: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.»



e que modo podemos dar testemunho num mundo que não nos quer ouvir? Que respostas existem para a perda de influência da Igreja na sociedade? Que posso eu fazer? A resposta a estas questões não é fácil nem tem soluções mágicas. Apenas o evangelho nos pode transmitir e iluminar neste desafio. A capacidade de nos mantermos fiéis aos seus valores é o único caminho seguro para chegar aos que estão à nossa volta.

“Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.” (Mt 28,20). A força desta promessa continua a iluminar a Igreja, e particularmente a família Verbum Dei, nos momentos de maior alegria, mas também nos momentos de desesperança. Sim, estes momentos também afectam os católicos... Para as mulheres que encontraram o sepulcro vazio, ou os que presenciaram a figura de Cristo ressuscitado, aquilo que receberam foi o pedido de anunciarem a sua experiência de ressurreição em Cristo. Mas estas continuavam profundamente afectadas pela experiência de desalento que haviam sentido ao ver Jesus na cruz. O que viveram, o que presenciaram e a forma como deram testemunho é a principal fonte de ânimo para a sua missão. Souberam ultrapassar as dificuldades e construir algo novo. Para isso, temos de partir e anunciar (Mt 28,19). Qualquer que seja a forma que escolhamos de chegar ao próximo teremos de ter sempre presente esta realidade: a fidelidade aos evangelhos como garantia de verdade sentida e vivida. A partir deste pressuposto, tudo o que fizermos só pode ser bom. Isto não significa que se pegue na palavra como algo imutável, estático. Pelo contrário, deve acompanhar as comunidades

até ao fim dos tempos, e isto significa saber interpretar o seu significado para cada necessidade do mundo.

No texto no final destas pistas é apresentado um mundo marcado pelo pragmatismo, onde cada vez mais conta o que se produz e a utilidade do que se faz associada a valores materiais. Neste mundo não há lugar para a reflexão, silêncio, capacidade de escutar Deus. Mas não é o mundo que tem de se adaptar à palavra de Cristo, nem seria bom que o fizesse. Os interesses do Mundo são geralmente antagónicos. Os cristãos é que têm de se adaptar às mudanças constantes do mundo e tentar transformá-lo utilizando os seus dons, de modo a que essa mudança se faça por aproximação à Justiça e à Verdade, que acreditamos ter a sua plenitude em Cristo. A mensagem de Cristo já transformou uma parte significativa do mundo ao longo da história. Muito do que acreditamos como valores das sociedades laicas, têm a sua origem na cultura Judaico-Cristã. Isto demonstra que as nossas convicções podem ser úteis à sociedade e não se restringem às comunidades cristãs. Há que ter em atenção que nem sempre esta conciliação entre o ciclo de mudança do mundo e a nossa fé é possível. Acredito que o actual paradigma, marcado pelo consumo, a volatilidade das convicções e dos valores é extremamente intolerante em relação a nós. Ainda bem que isto acontece. De outra forma a Igreja perderia a sua profundidade, ficaria igual às tendências do mundo. Mas sendo assim, como podemos chegar ao “próximo”? Como podemos competir com o apelo do conforto da televisão, as relações da Internet, o consumo, tendo apenas para oferecer uma resposta que dá “trabalho”, que custa aprender a gostar, que exige silêncio? Por outro lado o mundo já entendeu que as respostas da Igreja não vão ao encontro do seu projecto de alheamento e desumanização (afecta todos os povos e todas as religiões), pelo que têm sido lançadas campanhas

mais ou menos estruturadas que afectam a nossa credibilidade, a natureza da mensagem que queremos anunciar. Mas isto não é novidade. Na leitura é pedido aos guardas que, a troco de dinheiro, mintam em relação à sua experiência de Cristo, ao seu testemunho de um corpo que havia desaparecido. Estes fazem-no, mas o seu falso testemunho foi dissipado pela alegria das primeiras comunidades e todos perceberam onde estava o testemunho da verdade. Era a forma como o faziam que lhes conferia autenticidade. Talvez esteja aqui as pistas para a pergunta que procuro rezar: “como podemos competir com as respostas que o Mundo nos quer impor?”. Como podemos competir com livros e séries, que nos são impostas, onde a Igreja aparece retratada como um conjunto de pessoas que pertencem a sociedades secretas, que matam, mentem e manipulam para proveito próprio? Porque estes livros e estas séries não são inocentes: são uma resposta do mundo àquilo que considera ser uma forma de estar diferente da Igreja e por isso atacam-na. Não toleram que existam pessoas que queiram viver em comunidade, que se sintam família (como a Verbum Dei!), que defendam respostas baseadas no amor e que acreditem na ressurreição de Cristo. Mas pior que tudo, que o queiram anunciar... que prometam uma vida eterna que fere a noção de satisfação imediata. Isto, sim, é intolerável para o Mundo. Daí surgem perguntas como “para que serve Deus? O que produzem os padres?”.

Como podemos efectivar uma nova evangelização no actual paradigma? Não tenho respostas, mas penso que o caminho poderá ser por realizar aquilo que em Marketing se chama uma “estratégia de diferenciação em relação à concorrência”. Se o mundo impõe o individualismo, nós propomos a comunidade; se nos impõe o consumismo nós propomos a partilha; se nos impõe a indiferença, nós propomos o amor; se

nos impuserem o desalento nós responderemos com a esperança em Jesus.

Quando a 1ª República foi instaurada em Portugal, os intelectuais do movimento prometeram erradicar a noção de Deus no espaço de uma geração. A Igreja, como sabemos, não só sobreviveu, como ficou mais forte. É assim na história da Igreja. Quando é perseguida fica mais forte. Actualmente a liberdade de culto é protegida, mas existem perseguições de outro tipo, principalmente às nossas convicções. Podemos-nos cristalizar e ficar orgulhosamente sós ou em alternativa colocar o nosso testemunho de tal forma visível, que deixe de ser possível ao mundo ignorar-nos. Jesus estará sempre connosco até ao fim dos tempos.

“ O computador e a linguagem de programação são as manifestações perfeitas da noção pragmática de razão. Cada linha de código tem de ter uma consequência prática. O único padrão é a funcionalidade. A ideia de que uma linha de código poderia ser apreciada, não pelo uso, mas pela sua beleza intrínseca, é inconcebível. (...) tudo o que não tem consequência prática é excluído da esfera do raciocínio e é enviado para outra esfera inferior. Por outras palavras, a cultura americana não lida facilmente com a verdade e com a beleza. Valoriza a execução e não se preocupa demasiado se o que está a ser feito é importante.”

George Friedman

Analista e teórico do poder Americano
in “Os próximos 100 anos”



Alicerçados no Amor de Deus

Foi necessária muita criatividade para contribuímos para estas pistas do Caderno de Verão. Assim, acabou por ser para nós um exercício concreto daquilo que procurámos transmitir. O mais importante é sempre o que nos move: sentirmos a chamada de Cristo e querermos agarrá-la e responder com a nossa vida. Experimentamos que a partir daí é preciso criar condições de tempo, espaço interior, e apostar na criatividade (com grande ajuda do Espírito Santo).

Optámos por transcrever alguns excertos da carta de António Velasco (estão sublinhados ao longo do texto) e com ela rezarmos, para além de algumas citações da Palavra de Deus que nos fizeram sentido.

O início da última parte da carta é poderoso: apesar de nos queixarmos muito do ruído do nosso quotidiano, aproveitamo-nos muitas vezes dele para deixarmos de escutar o Pai. E ruído, por definição, é algo indesejado, que atrapalha, que nos impede ou perturba de chegar ao essencial.

O ruído de que nos fala o António pode ser muito mais interior do que parece, pelo que o poderemos eliminar em muito mais situações do que nos queremos convencer. Quem se pode dar ao luxo de ter momentos de silêncio “tipo retiro” durante a semana? Sem contar com esses poucos sortudos (ou mais bem organizados), os outros ficamos sem fazer silêncio? Temos que ser mais criativos e deixarmo-nos invadir pela paz de Cristo, em vários momentos do nosso dia, fazê-lo presente, incluí-lo realmente na nossa vida. Que ideias concretas me surgem?

«Deixo-vos a paz; dou-vos a minha paz. Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou. Não se perturbe o vosso coração nem tenha medo. Ouvistes o que Eu vos disse: Eu vou, mas voltarei a vós». Jo 14, 27

“A isto se juntam dificuldades sentidas no nosso tempo que nos afectam a todos: a complexidade dos ritmos com a ansiedade que produz, a crise económica, o sistema de relações tensas por razões variadas, a sensação de ir à deriva experimentado por alguns, a dificuldade de gerir o tempo.”

«Põe a tua vida nas mãos do Senhor, confia nele e Ele te ajudará.» Sl 37, 5

Nestes últimos tempos sinto que a minha vida corre a mil à hora...

Em cada dia, vivo mil situações, todas importantes: umas mais simples, outras mais complexas... e de facto a vida não pára! E desejo tantas vezes fazer parar o tempo, ter espaço para rezar a vida, para mergulhar na imensidão do dom que vivo, para dar sentido a tudo o que vai acontecendo...

Tantas vezes, Pai, que a minha oração só pode ser “Ponho a vida nas tuas mãos, sei que estás sempre aqui e agora, aconteça o que acontecer... Confio que nada me pode separar do Teu Amor, mesmo quando me sinto incapaz, limitada ... Confio que dispões de tudo para o bem de todos, mesmo que às vezes não o consiga compreender. Sei que a Tua Presença me ajudará a viver esta vida com mais paz, mais amor e confiança, porque em tudo e no limite, Tu garantes o essencial!”

Ensina-nos a olhar a vida e os acontecimentos do mundo com humildade e confiança.

A vida é um contínuo, e não um conjunto de “tarefas” a cumprir, por isso, Jesus peço-te que nos ensines a viver mais confiantes, mais acompanhados, mais em paz, mais alegres... pondo tudo o que somos capazes, aceitar o que não depende de nós, e a oferecer-te tudo...

“(...) para poder continuar a caminhar devemos perguntar-nos: a nossa fé, a nossa vida e a nossa criatividade estão à altura dos tempos líquidos que vivemos?”

«A fé é a certeza de já se possuírem as coisas que se esperam e a garantia das coisas que se não vêem” Hb 11, 1

Obrigada por este dom enorme, que é a fé, que deste a cada um de nós. Achamos sempre que nunca temos a fé necessária ou a suficiente, e no entanto, somos convidados a concretizá-la a cada momento da nossa vida, do dia-a-dia...

Tenho experienciado em alguns momentos ou em algumas situações que posso viver de duas formas: entrego a Deus e nessa entrega ousar arriscar e assim dou pequenos passos de fé; ou então simplesmente nem ponho a hipótese que a fé possa interferir. E sei bem quais as consequências de cada uma das atitudes.

Ajuda-nos a cuidar da fé que temos, com confiança, paciência e esperança; a pedir mais fé; mas sobretudo a viver plenamente e intencionalmente aquela que já temos.

Que passos de fé posso / necessito dar?

Em que situações concretas posso arriscar viver com mais fé?

Como posso cuidar da minha fé?

“(...) para os apóstolos a chave e a força para dar fruto e um fruto que permaneça não está nas nossas próprias forças. Por

isso devemos fortalecer os nossos alicerces (...) Este tempo exige que estejamos à altura, e isto traduz-se em, prioritariamente, reavivar as nossas bases em Cristo (...) em redescobrir a presença de Cristo Ressuscitado, (...) que se faz presente de um modo novo na nossa vida (...)

“Só em Deus descansa a minha alma, dele vem a minha esperança.” Sl 62,8

Obrigada por seres um Deus acolhedor, amoroso.

Como é bom podermos estar contigo tal qual como somos, porque em Ti sabemos que podemos descansar e fortalecer a nossa vida e a nossa esperança...

Como dizia Madre Teresa de Calcutá “Deus tem necessidade da nossa pequenez e não da nossa grandeza”.

Ajuda-nos a saber valorizar a nossa pequenez, a saber viver melhor com as nossas limitações e as dos outros, e até descobrir-te mais próximo em situações menos agradáveis.

Que a minha pequenez me faça ir sempre ter Contigo, seja qual for a circunstância, acreditando que és a resposta de Amor maior do que a própria vida. Que a minha pequenez seja a forma de assim poder receber mais a tua grandeza, as novidades que trazes de ressurreição “Eu faço novas todas as coisas”, dos dons do Espírito Santo, para que assim a minha vida se possa tornar grande!

“As palavras que eu vos digo, gravai-as no vosso coração e na vossa alma, predeí-as à mão como um sinal e na fronte como um diadema. Olhai! Ponho hoje diante de vós a bênção e a maldição. A bênção, se obedecerdes aos mandamentos do Senhor, vosso Deus, que hoje vos prescrevo. A maldição, se não obedecerdes aos mandamentos do Senhor, se

deixardes o caminho que eu hoje vos prescrevo, para seguirdes outros deuses, que não conhecestes". Deut 11, 18. 26-28

Obrigada por podermos estar atentos e ouvir as palavras que nos queres dizer hoje.

Obrigada por estarmos disponíveis para receber a tua palavra.

Ajuda-nos a deixá-la entrar em nós, a deixar que fique agarrada aos nossos corações, às nossas vidas.

Ajuda-nos a viver segundo a tua palavra, a deixar que sejas o nosso guia, a nossa força, o nosso consolo, a nossa esperança!

Ajuda-nos a que possamos partilhá-la com os outros através da nossa presença.

Que seja este o convite e o desafio: acolher as palavras de Deus durante estes dias e gravá-las no coração, e assim vivê-las o mais plenamente possível.

"Quais são as certezas que movem um membro da Verbum Dei? Como alimentá-las?"

"Vejam com que amor Deus Pai nos amou, a ponto de podermos ser chamados filhos de Deus! E somos seus filhos realmente!" I Jo 3, 1

"... e o Espírito que receberam não vos torna escravos nem medrosos, mas torna-vos filhos de Deus. É ele que nos faz exclamar "Abba", que quer dizer "meu Pai" Rom 8, 15

"A primeira e talvez mais importante certeza de um membro da Verbum Dei é ser filho amado de Deus."

Agradeço-Te Deus por seres meu Pai, por seres Pai de todos, de toda a Humanidade. Por seres um Pai amoroso, generoso, fiel, disponível, mas principalmente por me amares e a cada um com um Amor Infinito, Incondicional, para sempre, aconteça o que acontecer...

É um privilégio sermos Teus filhos... Ajuda-nos a deixar abrir o coração a esta realidade tão simples e ao mesmo tempo tão grandiosa.

Obrigada por sermos uma grande família, pela graça de não estarmos sós e não termos medo, porque temos o mais importante: o Amor.



«Queridos irmãos e jovens amigos. Cristo está sempre connosco e caminha sempre com a Sua Igreja, acompanha-a e guarda-a, como Ele nos disse: “Eu estou sempre convosco, até ao fim dos tempos” (Mt 28,20). Nunca duvideis da sua presença! Procurai sempre o Senhor Jesus, cresci na Amizade com Ele, comungai-O. Aprendei a ouvir e a conhecer a sua palavra e também a reconhecê-lo nos pobres. Vivei a vossa vida com alegria e entusiasmo, certos da sua presença e da sua amizade gratuita, generosa, fiel até à morte de cruz. Testemunhai a alegria desta sua presença forte e suave a todos. Dizei-lhes que é belo ser amigo de Jesus e que vale a pena segui-lo.

Com o vosso entusiasmo, mostrai que, entre tantos modos de viver que hoje o mundo parece oferecer-nos – todos aparentemente do mesmo nível – só seguindo Jesus é que se encontra o verdadeiro sentido da vida e, conseqüentemente, a alegria verdadeira e duradoura.»

Homília do Papa Bento XVI

Lisboa, Maio 2010

Semeadores de Esperança

Mt 8,23-27 *«Então Jesus entrou na barca e os discípulos acompanharam-n'O. E eis que houve grande agitação no mar, de modo que a barca estava sendo coberta pelas ondas. Jesus, porém, dormia. Os discípulos aproximaram-se e acordaram-n'O, dizendo: «Senhor, salva-nos, porque estamos a afundar-nos!» Jesus respondeu: «Porque tendes medo, homens de pouca fé?» E, levantando-Se, ameaçou os ventos e o mar, e tudo ficou calmo. Os homens ficaram admirados e disseram: «Quem é este Homem, a quem até o vento e o mar obedecem?»»*

Jo12,24 *«Garanto-vos: se o grão de trigo não cai na terra e não morre, fica sozinho. Mas, se morre, produz muito fruto.»*

Rom 8,38-39 *«Estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus, Senhor nosso.»*

Vivo um momento existencial em que me sinto como Pedro a caminhar sobre a água e a afundar. As circunstâncias da vida, as dificuldades que parecem ultrapassar-nos fazem ter vontade de desistir, desistir dos projectos em que acreditámos um dia, e que sentimos que o Senhor nos confiou. Mas o Senhor diz-me (diz-nos) "homens de pouca fé". É necessário voltar a resituar-me e resituar que o projecto não é meu, não é só meu, é do Senhor e ao Senhor nada é impossível (como caminhar nas águas).

O que às vezes acho que nos custa é a noção de que semeamos sem ver nascer, sem ver o fruto e por isso pensamos que se perde a semente. Ficamos com a sensação de que não vale a pena continuar a semear. Ter essa gratuidade e amor de dar sem querer ver fruto só pode vir do Senhor. Como diz Antonio Jimenez na sua carta "esta experiência de encontro com o ressuscitado não foi algo mágico que lhes deu de uma vez por todas uma fé inquebrantável ou facilidade para realizar a obra de Deus. Necessitaram tempo". É necessário escutar o Senhor e para isso é necessário tempo e silêncio num mundo cheio de ruído.

É necessário escutá-lo pois só Ele é "força e motor". É um convite a voltar ao essencial, acreditar no poder do amor, do amor com a qualidade do Seu amor. É fundamental olhar Jesus, ver como Ele viveu, como responde quando desafiado, quando provocado. Olhar, contemplar para poder viver aquilo a que Ele me desafia: ser para os outros o seu rosto, ser o seu Amor e a Sua presença no dia-a-dia para os que me rodeiam, pois eles de outra forma se calhar nunca O poderão conhecer.

Assim o desafio a que me sentia chamada era a contemplar Jesus e a confrontar a minha vida com a sua, como eu reajo e como Ele reage, e depois de o fazer sinto essa necessidade vital de me deixar experimentar amada pelo Senhor, de deixar que Ele encaixe e integre os meus medos, desejos, liberdade, opções; me faça aceitar a liberdade e opções do outro como o Senhor respeita a minha. Sinto que só a experiência de Deus me equilibra. Sinto-o porque só o Amor de Deus me enche o coração e a necessidade de amor infinito que o nosso coração tem. Se deixo de me alimentar n'Ele a minha exigência para os outros e o seu amor torna-se gigante.

Senhor, que este tempo de férias seja um tempo em que te damos tempo para que o teu amor nos ressitue, nos torne pessoas livres, integras, serenas, cheias, para podermos ser imagem do Teu amor para os outros, espelho desse amor, veículo para que Tu chegues a quem de outra forma se calhar não chegarias.

O teu amor Senhor tira-nos os medos, as desconfianças. Permite-nos entregar, confiar e arriscar sem medo de sairmos defraudados. Permite sentirmo-nos bem connosco próprios, a ter esperança e a pôr amor e esperança onde já não tinha vontade de o fazer. Temos essa certeza de que ninguém nos pode tirar nada se temos o amor de Deus, como nos diz são Paulo na Carta aos Romanos, e porque não sabemos os frutos daquilo que Deus nos convida a viver.

Ajuda-me Senhor

Ajuda-me Senhor, a receber cada dia como um dom.

Ajuda-me a reconhecer que nada me falta, que Tu me deste tudo aquilo que é necessário para fazer da vida uma coisa feliz e com sentido.

Mesmo que me falte o universo inteiro, nada verdadeiramente me falta.

Mesmo que eu espere muito do amanhã, devo saber que tenho tudo hoje.

Ajuda-me a limpar o olhar, poluído e agravado por juízos, consumos e ressentimentos.

Que eu saiba acolher a vida como a oportunidade que ela é.

Se acontecer o meu coração andar ferido, recorda-me, Senhor, aquele santo que dizia: “Nenhum coração é tão inteiro como um coração que sofre”.

Pe Tolentino de Mendonça

in “Coisas da vida”, Laurinda Alves



Viver a Beleza de Deus

Jo12, 24-26

« Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto. Quem se ama a si mesmo, perde-se; quem se despreza a si mesmo, neste mundo, assegura para si a vida eterna. Se alguém me serve, que me siga, e onde Eu estiver, aí estará também o meu servo. Se alguém me servir, o Pai há-de honrá-lo. »



ruído é droga sempre presente que nos impede de escutar Deus no nosso coração e obedecer-lhe”, escreve António Velasco na sua carta.

Que ruído é este?

Penso no meu dia e tudo é ruído. É o despertador, o telemóvel, o micro-ondas, as vozes, os meus passos, ... No trânsito fecho os vidros do carro para não ouvir o barulho da cidade. Ligo o rádio para o abafar ainda mais. Mas ainda assim existe um ruído. Desligo o rádio, tento aproveitar o silêncio na hora de trânsito até ao trabalho. O ruído continua. Dentro da minha cabeça. Acumulam-se todos os sons, todos os afazeres do dia, todas as inquietações e até mesmo aqueles pensamentos sem nenhuma importância. Neste momento em que procuro fazer silêncio, reparo que é o ruído da minha cabeça que não me deixa ir mais a fundo. E é assim muitas vezes. Mesmo na minha oração, este ruído “limita” o

meu diálogo com o Pai... Sinto que muitas vezes só os “restos” do meu dia estão diante Dele. Estou diante de Deus com o tempo e as forças que sobraram do dia. Cimentar-me em Cristo exige mais, um “mais” que procuro e que quero para a minha vida mas que é difícil de alcançar. Até porque, como António Velasco acrescenta mais à frente na sua carta, “o nosso tempo exige que estejamos à altura”, e isso não é possível sem “reavivar o nosso cimento em Cristo”.

O que é estar à altura?

Volto a olhar para o meu dia. Quero estar à altura nas minhas obrigações profissionais (aliás, quero não só cumprir como ultrapassar os meus objectivos!), quero estar à altura do amor da minha família, quero estar à altura da confiança dos meus amigos. E será que me preocupo em estar à altura como instrumento de Deus no Mundo?

Nestes tempos exigentes, de grande e rápida mudança, temos que estar à altura da nossa realidade. Vivemos situações complexas. É preciso criatividade para vivermos bem a nossa vocação num mundo que parece adverso ao que acreditamos. É preciso criatividade para chegarmos ao outro, à sua sensibilidade; para vivermos com “fidelidade e amor” as opções que tomamos. Porque muitas vezes não é fácil sermos expressão da “nova evangelização”. Na verdade sou muitas vezes censurada por decisões que tomo individualmente ou em família. Questionam as minhas opções de (baixo!) consumo, de “perder tempo” com “aquelas coisas da Igreja”, etc. Reduzem toda a minha experiência de fé a uma “beatice”, mas não percebem que sou profundamente feliz junto desse Deus que guia os meus passos e me dá a força para dar fruto. É esta relação que me faz viver a vida como “um dom sempre e em todo o lugar”, fruto de um longo caminho de fé e de confiança, que me abre continuamente a

novos caminhos.

Viver sem pressa mas sem pausa...

Detive-me nesta frase da carta. Na verdade acho que sou óptima a viver com pressa (e conseqüentemente com muitas pausas...). Quero ser resposta a todas as situações à minha volta. Resolver e melhorar tudo o que possa. Dizer que sim a tudo o que me pedem. Chegar a todos. Mas este viver SEM PRESSA é relativizar a minha vida, compreender e viver a profundidade de ser uma peça “única e irrepetível no projecto de Deus”; é dispor-me à vontade do Pai sem a sofreguidão de cumprir metas e de querer chegar a tudo. É viver ao Teu ritmo.

Senhor, a cada passo abre o meu coração à Tua voz, ao que sonhas para a minha vida. A partir daí, dessa comunhão contigo, deixa-me ser vida para os outros, para a comunidade e para a Igreja.

Tarde Te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde Te amei!

E eis que estavas dentro de mim e eu fora, e aí te procurava, e eu, sem beleza, precipitava-me nessas coisas belas que Tu fizeste.

Tu estavas comigo e eu não estava contigo. Retinham-me longe de Ti aquelas coisas que não seriam, se em Ti não fossem.

Chamaste, e clamaste, e rompestes a minha surdez; brilhaste, cintilaste, e afastaste a minha cegueira; exalaste o Teu perfume, e eu respirei e suspiro por Ti; saboreei-Te e tenho fome e sede; tocaste-me, e inflamei-me no desejo da Tua paz.

Santo Agostinho, Confissões



parte IV

Carta à FaMVD

Carta de Antônio Velasco à Família Missionária Verbum Dei

Queridas irmãs e irmãos da Família Missionária Verbum Dei:

Neste belo tempo da Páscoa desejo escrever a todos os membros da Família Missionária Verbum Dei, a todos aqueles com quem compartilhamos o dom vivificante do carisma, tal como a luz de Cristo Ressuscitado.

Gostaria que esta saudação pudesse chegar a toda a Família Verbum Dei, com os seus diversos membros, vocações e ministérios, com as suas formas de seguir Jesus e com as suas distintas situações: a todos os que formamos esta árvore da Verbum Dei que vive e reverdeja graças à seiva da vida nova de Cristo. De um modo especial, quero unir-me aos jovens que se preparam para participar, directa ou indirectamente, na Jornada Mundial da Juventude 2011, cujo lema é: "Enraizados e alicerçados em Cristo, firmes na fé" (cf. Col 2,7). O nosso espírito missionário faz-nos dar mais um passo: alicerçados em Cristo... para uma nova evangelização, para criar... É este o motivo principal desta carta.

Depois da morte: presença, certezas, missão

O tempo pascal não é alheio à nossa vida nem ao que vive o nosso mundo, com os seus terramotos e tsunamis, com as suas revoluções e manifestações de pessoas indignadas, com situações quotidianas de sofrimento e outras situações que, no nosso mundo ocidentalizado, estamos longe de imaginar.

A experiência da Páscoa, com a paixão e morte de Jesus, com a ressurreição e suas aparições aos discípulos, com os encontros antes da Ascensão e com o dom do Espírito Santo no Pentecostes, ilumina as nossas vidas e o caminho a percorrer pela Família Missionária Verbum Dei. A Páscoa, coração do Evangelho,

ilumina com uma luz de esperança os nossos contextos, se estivermos disponíveis para escutar e actualizar na nossa vida a experiência da primeira comunidade.

Este primeiro grupo de discípulos, homens e mulheres, experimentaram uma transformação fundamental da sua vida, não isenta de dor. A experiência do Reino, partilhada, primeiro, com Jesus, por Quem tinham deixado muitas seguranças, a brusca e inesperada morte do Mestre, a escuridão que experimentaram na sexta-feira e sábado santos como o final de um caminho... Humanamente era o fim de tudo o que de grande, bom e belo movia a sua existência; era o aniquilamento da causa que dava sentido às suas vidas.

Pouco depois, de forma também inesperada, chega aos seus corações a luz da Ressurreição. Esta experiência não foi algo mágico que lhes deu de uma vez por todas uma fé inabalável ou facilidade para realizar a obra de Deus. Necessitaram de tempo; necessitaram de se acostumar a uma nova forma de presença de Jesus entre eles; necessitaram de abrir caminho, nas suas vidas, à missão universal a que Jesus os consagrava, em virtude da Sua Palavra e pela força da Sua Paixão e da Sua Ressurreição.

A primeira comunidade não estava ausente de contradições, sabemos-lo bem. De um modo velado, elas estavam já presentes no dia da Páscoa, quando Jesus Ressuscitado lhes mostra as marcas da Paixão. A cena do Pentecostes no Cenáculo converter-se-á numa nova Anunciação que prolonga a encarnação de Jesus. A profecia do “sinal de contradição” que Simeão vaticinou a Maria no dia da Apresentação no Templo, estará também viva na comunidade cristã, como esteve na vida de Jesus e da nossa Mãe Maria. O que tornou possível que essa experiência de Deus pudesse dar tanto fruto na História e chegasse até aos nossos dias? Como pôde esta pequena semente, tão frágil e exposta, chegar a ser uma árvore tão fecunda?

Não foram transformações rápidas ou milagrosas. Por muito que busquemos as causas, não há outra razão fundadora da

primeira comunidade que não seja a força que emana da presença ressuscitada de Jesus. Os discípulos da primitiva comunidade experimentaram o fogo vivo da presença de Jesus Ressuscitado. É esta a sua principal força e motor.

A Sua nova presença, confirma em todos eles, algumas certezas fundamentais: a causa do Reino, o poder do amor, a necessidade do anúncio do Evangelho, a obediência ao Pai como segredo central da vida de Jesus, a misericórdia e graça como palavra definitiva de Deus. Certeza de uma obra que é de Deus e que tem uma intencionalidade incontestável: “Deus quer que todos os homens se salvem e que cheguem ao conhecimento da verdade” (1 Tm 2,4).

Daqui nasce a missão, como centro e motor da comunidade. Missão entendida de diversos modos: “Fazei discípulos” (Mt 28, 19), “Anunciai o Evangelho” (Mc 16,15), “Sede Minhas testemunhas” (Lc 24,48), “Como o Pai Me enviou, também Eu vos envio” (Jo 20, 21). Missão com distintas formas de se concretizar, nas primeiras comunidades (cf. 1 Co 12; Ef 4, 1-13). Esta missão multifacetada expressa a identidade e a consciência missionária que definiria a vida destas mulheres e homens no seu caminho futuro e que os impulsionaria a ir a todos os povos, superando qualquer fronteira humana e dificuldades de todo o tipo.

Tempo de mudanças, tempo de uma Nova evangelização

Frequentemente, os meios de comunicação dão a imagem de uma Igreja afastada do mundo e ignorando o que ele vive, imobilista e com medo de mudanças. O VD é chamado a desmentir esta imagem, não com argumentos, mas com atitudes e com uma vida bem alicerçada, para responder adequadamente aos sinais dos tempos.

Recentemente, o Secretariado do Sínodo dos Bispos publicou as Lineamenta (linhas gerais) do próximo sínodo. O tema é A Nova evangelização . Este documento fala, com uma consciência muito lúcida, das grandes mudanças que afectam o

nosso mundo. Retoma elementos positivos destas grandes transformações, mas não oculta as tensões implícitas que nos afectam directamente a todos. Estas mudanças podem perceber-se em seis grandes cenários :

1) Cenário cultural – Esta é uma época de profunda secularização, que perdeu a capacidade de escutar e de compreender a Palavra evangélica, com uma cultura do relativismo que afecta todos os âmbitos. Existem graves implicações antropológicas, que põem em causa a mesma experiência humana elementar, como a relação homem-mulher, ou o sentido da gestação e da morte, e que se expressam num hedonismo e consumismo generalizados, em superficialidade e egocentrismo, no culto do indivíduo, em formas vagas de pertença religiosa, ainda que esteja a surgir uma nova procura de Deus e um renascimento religioso. Neste mesmo contexto, o Papa Bento XVI fala também da urgência educativa: urgência que tem uma relação directa com a missão dos pais de serem educadores e com a mesma missão da Verbum Dei de formar apóstolos. Toda a acção educativa parece muito difícil. O clima cultural e a situação de cansaço em que se encontram muitas comunidades cristãs correm o risco de debilitar a capacidade de anúncio, de testemunho e de educação na fé.

2) Cenário social – Há fenómenos migratórios, contextos urbanos, miscelâneas de culturas, clima de extrema fluidez, onde faltam grandes tradições e onde a globalização faz aflorar, por reacção, sentimentos nacionalistas ou sectários. O panorama actual implica uma redefinição de muitas fronteiras.

3) Cenário global dos meios de comunicação social – Os media são um lugar de vida pública e experiência social que tem grandes repercussões positivas, mas que pode levar a uma concentração de cada um sobre si mesmo e sobre as suas necessidades pessoais; afirma-se uma exaltação da dimensão emotiva das relações, afastada do valor objectivo da experiência da reflexão e do pensamento; difunde-se uma progressiva alienação da dimensão ética e política da vida e uma cultura do efémero, do

imediatamente, da aparência; quer dizer, temos uma sociedade incapaz de memória e de futuro.

4) Cenário económico – Vemos a economia como primeira lei política e social, o esbatimento das diferenças Norte-Sul, a crise económica mundial, a manipulação dos recursos naturais em função de unos poucos.

5) Cenário da investigação científica e tecnológica – Todos podemos experimentar na vida quotidiana os benefícios que provêm da ciência e do progresso; mas frequentemente daí deriva uma concepção idólatra, novas formas de conhecimento e sabedoria, religião da prosperidade e gratificação instantânea.

6) Cenário político – Enfrentamos o fim dos blocos que contrapunham capitalismo e comunismo, bem como surgimento do Islão e do mundo asiático e de novos desafios: paz, desenvolvimento, liberdade, estruturas de diálogo, ecologia...

Muitas destas mudanças radicalizaram-se ou tornaram-se mais visíveis nestes últimos dez ou vinte anos. Diversos analistas falam de uma alteração substancial: passagem de uma era para outra, do modernismo ao pós-modernismo (ainda que, não sabemos como acabará por se chamar esta nova época...).

Comenta o filósofo polaco Zygmunt Bauman que vivemos um “tempo líquido” no qual já não há valores sólidos, mas apenas volúveis, no qual, sem nos darmos conta, se vão dando transformações e perdas como a renúncia ao pensamento ou o divórcio fé-razão, onde se renuncia à memória, onde as mudanças respondem unicamente à lei do interesse económico. Para alguns, a resposta válida é “ser flexíveis”, mas isto esconde o grave risco de sermos cínicos, de renunciar a certezas fortes ou a uma fidelidade que custa. Aos poucos, os “tempos líquidos” vêm acompanhados de “medos sólidos”. E o medo é sempre um mau conselheiro.

Diante destas realidades as respostas dos cristãos podem ser muito diversas. A própria Natureza evoca formas diversas de reagir perante os perigos, o que para nós pode servir de parábolas:

a avestruz que esconde a cabeça num buraco face a um grave perigo; os cavalos selvagens que fogem espavoridos em qualquer direcção podendo terminar num barranco; os leões que rugem e rugem, espantando as possíveis presas; as rãs que descansam relaxadas numa caçarola com água morna, e que, quando o calor vai lentamente subindo, não reagem e acabam por morrer...

O documento previne algumas atitudes das comunidades cristãs. Nós, os seguidores de Jesus, podemos reagir com passividade ou indiferença, com medos ou queixas permanentes, com o ressentimento face ao passado, que esconde imobilismo; ou, então, passarmos à mudança e a assumirmos com amor o presente! Uma forma defensiva é a crítica sistemática face aos outros, que muitas vezes, vem acompanhada de uma grande inconsciência dos próprios limites e erros e carente de misericórdia. A comunidade pode viver no cepticismo ou numa fuga para o futuro, no limbo da superficialidade ou no derrotismo. Estas e outras atitudes destroem a criatividade a que Deus nos chama; assim, necessitam deixar-se tocar pelo mistério pascal.

As lineamenta perguntam com humildade se a Igreja está à altura das transformações que vivemos. Também nós, pessoalmente e como Família VD, temos de nos questionar se estamos à altura destas mudanças. O Tempo Pascal ajuda-nos a abrir as asas da esperança e abrem-nos à atitude fundamental que nasce da experiência de Jesus Ressuscitado: a criatividade. A partir da criatividade, Deus convida-nos a ser o que somos: uma família de seguidores de Jesus, com um coração missionário, um coração sempre a caminho.

Quis recorrer a uma parábola que pudesse iluminar as perspectivas de Deus: “O Reino de Deus é como um carvalho sacudido por um furacão. Sopram os ventos com força, inclinam a copa, destroem os ramos e arrancam as folhas. Mas os mesmos ventos que atacam o carvalho levam as suas sementes pelo ar a grandes distâncias. Onde cai uma semente, nasce um carvalho novo. O furacão que parece destruir a árvore, hoje, semeia, sem o

saber, o novo bosque que cobrirá amanhã toda a montanha” .

Alicerçados em Cristo para criar

O ruído é uma droga sempre presente que nos impede de escutar a Deus no nosso coração e de Lhe obedecer. É um dos grandes inimigos do nosso tempo. É “como uma vassoura que levanta o pó e volta a deixá-lo cair ou que o deixa sobre os móveis; o silêncio é como uma esfregona que limpa e leva o pó consigo” . Assim, é uma exigência vital fazer silêncio para descobrir Cristo no mundo, para aprender a amar a nossa vida e a vida dos nossos irmãos como Deus a ama.

Escutando com serenidade os sinais dos tempos também podemos constatar que no Verbum Dei há mudanças e que estas não são só geracionais: estamos a passar do tempo fundacional a um tempo de consolidação, com características diversas das da etapa anterior. A isto juntam-se as dificuldades acrescidas do nosso tempo que nos afectam a todos: a complexidade dos ritmos e a ansiedade que isso produz, a crise económica, o sistema de relações, muitas vezes tensas, por razões variadas, a sensação para alguns de ir à deriva, a dificuldade de gerir o tempo.

Vivemos “tempos líquidos”; e, como aos apóstolos ou como a Pedro, pede-se-nos confiança para caminhar sobre as águas (cf. Mt 8,23-27; Mt 14,24-34). Talvez, para podermos continuar a caminhar, devêssemos perguntar: a nossa fé e a nossa vida, a nossa criatividade estão à altura destes tempos líquidos que vivemos?

Tal como para os apóstolos, a chave e a capacidade para dar fruto e um fruto que permaneça não estão nas nossas próprias forças. Por isso, devemos fortalecer os nossos alicerces, tal como o Papa convida os jovens na JMJ. Os nossos tempos exigem estar à altura e isto traduz-se no seguinte: ter como primeira e prioritária tarefa reavivar nosso cimento em Cristo. O tempo pascal abre-nos a redescobrir a presença de Cristo Ressuscitado. Esta não se renova por uma mera recordação do que passou, mas no modo

como o tornamos actual, ao entrar na dinâmica de transformar a nossa vida, como a de Jesus, num dom gratuito. No coração do Evangelho está o dinamismo do grão de trigo que se enterra para dar fruto, que se entrega para dar vida (cf. Jn 12,24).

A experiência das primeiras comunidades e a promessa de Jesus (“Eu estarei sempre convosco”- Mt 28,20) cumpre-se no “hoje” da Família VD, espalhada com poucas forças em muitos lugares. A presença de Cristo Ressuscitado dá-nos certezas. Não é simplesmente uma força emotiva, mas uma força que ilumina a nossa razão, fortalece a nossa vontade, abraça os nossos sentimentos e projecta-nos para o futuro sem medos sólidos, apesar de caminharmos num mundo líquido.

Quais são as certezas que movem um membro do VD? Como alimentá-las? A primeira certeza é a chamada de Deus. A nossa vocação não é uma prova, não é ad experimentum (à experiência): é o espaço e o tempo onde realizamos nossa vida como fidelidade ao amor; fidelidade que se traduz num carisma, em opções renovadas, em fidelidades pequenas e grandes, em morte e ressurreição, em voltar sempre a começar, sonhando. O olhar e o desejo de Deus dão-nos uma segunda certeza vital. Assim o expressa um velho hino do ofício divino: Puseste um instrumento nas nossas mãos e disseste: “é tempo de criar”.

O cap. 15 de João diz que o discípulo terá de permanecer em Jesus para dar vida e utiliza a metáfora da videira (cf. Jr 2,21-22; Is 5; 27,2-5; Sal 80, 9-15), cujo uso bíblico tem como origem a metáfora da árvore... A diferença do uso desta imagem aqui e noutras religiões é que, na Bíblia, a árvore identifica-se com uma pessoa histórica, com Cristo. Estar unido à videira, implica e é inseparável de “dar frutos” e de “guardar os Seus mandamentos”. Permanecer é sinónimo de dar frutos. Se damos frutos permanecemos; e se permanecemos a unidos a Ele, poderemos dar fruto. Dito por outras palavras, viver Nele é sinónimo de sermos fortes, de que nossa felicidade e o nosso amor podem perdurar, de podermos ser criativos até ao fim.

A partir do encontro actual com Cristo Ressuscitado e das certezas que Ele suscita, podemos olhar sem medo o futuro do VD e do mundo e atrever-nos a abrir caminhos. Então, a expressão nova evangelização deixa de ser um tópico para ser algo que nasce de nosso coração, algo que é possível.

Jesus dá-nos o que Ele próprio é. O segredo da Sua vida é a Sua relação com o Pai, a obediência à Sua Palavra, a comunhão com o Seu projecto a partir da aceitação – nem sempre fácil – dos Seus caminhos. A gestão do tempo (algo tão difícil para nós, hoje!) vive-a Jesus com a certeza de se saber incondicionalmente Filho muito amado em quem Deus Se compraz. A Sua vida é missão; cada momento é uma peça única do puzzle que é Sua existência. Os caminhos de Jesus, aparentemente tão cheios de contradições, iluminam os nossos: toda a nossa vida é missão; cada peça é importante no projecto de Deus, assim como cada um de nós, únicos no Seu projecto.

A partir desta luz que brota de Jesus Ressuscitado, as certezas que funda em nós, e sobretudo a Sua missão sempre nova, quero sugerir à Família VD alguns desafios que considero importantes para estar à altura dos tempos. Não me detenho a explicá-los: apenas os enumero, considerando que podem ser linhas de acção da Família: é vital, hoje, reavivar a vida espiritual nas condições complexas que vivemos; precisamos de continuar a consolidar a Família VD, sem presa, nem lentidão, a partir de uma fonte de espiritualidade de comunhão e aprendendo a trabalhar em equipa; o amor de Cristo chama-nos com urgência a renovar uma pastoral vocacional e a um zelo à flor da pele próprio das pessoas apaixonadas; estar cada um em seu sítio com alegria e com eficácia, integrando as numerosas tensões que nos podem fazer crescer numa comunhão mais rica com a Trindade. Um repto urgente, por último, é a perseverança no meio de muitas dificuldades que todos experimentamos. E tudo isto a partir de uma espiritualidade a caminho.

Nas últimas viagens pelas nossas comunidades,

testemunhei que cada pessoa que compõe esta maravilhosa árvore da VD tem uma biografia digna de um filme. Realmente, somos tão valiosos para Deus! Com um passado no qual Deus está, com um futuro cheio de possibilidades! As experiências de morte colocam-nos diante da ressurreição, e esta, se dermos tempo, situa-nos de um modo novo diante da vida. Reconciliando-nos com o presente, podemos aprender a agradecer. A vida é um dom “sempre e em qualquer lugar”. Se, por acaso ou por milagre, estamos vivos hoje, queremos viver com intensidade, com maior autenticidade, talvez com maior discernimento e consciência e também com maior atrevimento.

Despeço-me, entregando a Maria estes tempos cheios de graça, porque o Ressuscitado está connosco e derrama sobre nós o Seu Espírito, porque nos abre caminhos novos, nos quais Ela estará sempre a nosso lado.

António Velasco

Presidente da Fraternidade Missionária Verbum Dei

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.



Fraternidade Missionária Verbum Dei

Rua José Lins do Rego, 7 - 1ºdto. 1700-262 Lisboa
Tel: 00351 21 7950957

Vale de Lobos
Tel: 00351 219624284

verbumdeilisboa@gmail.com
www.verbumdei.org/lisboa
www.jovens.vebumdei.org